

## LITURGIA

### FÉ E CULTO

A religião é aquela virtude pela qual se rende um culto devido e supremo a Deus como Criador e Senhor de todas as coisas. Este culto é um testemunho da grandeza divina, e ao mesmo tempo exprime a submissão de todo o nosso ser a Deus.

Nós somos compostos de alma e corpo. E Deus, como criou a alma, assim formou este nosso corpo. Por isso, se o Espírito reconhece o seu Criador, não será justo que também os sentidos testemunhem a sua grandeza? E se a mente tem a feliz sorte de poder descobrir tantas maravilhosas belezas da realidade divina, quem poderá impedir a língua de cantar seus louvores, de proclamar sua glória, de bendizer seu nome? Sobe o coração a Deus, se elevam ao mesmo tempo os olhos para os montes de onde virá o meu auxílio (cf. Sl 120,1), e quase sem perceber encontro-me com as mãos elevadas para a prece. Enche-se de satisfação o meu espírito em oferecer-se a Deus como sacrifício de suave odor, e exulta ao mesmo tempo a minha carne ao apresentar seus membros como hóstia viva para servir o seu Deus: “O meu coração e a minha carne exultam no Deus Vivo” (Sl 88,3).

Quando Cristo afirma que “Deus é espírito, e os seus adoradores devem adorá-Lo em espírito e verdade” (Jo 4,24), entende certamente não condenar o culto externo, mas esclarecer que o culto interior é proeminente e é aquele a que tende principalmente a religião. Uma devoção externa abandonada pelo coração é um cadáver de devoção: a alma da devoção é o coração. Isto e não outra coisa é o que quis exprimir Cristo com aquelas palavras (1).

### A LINGUAGEM DOS SINAIS

A mente humana, para unir-se a Deus tem necessidade de ser levada como que pela mão, pelas coisas sensíveis. Daqui deriva a necessidade que no culto divino nos sirvamos de coisas materiais, para que delas, como de certos sinais, a mente humana seja excitada aos atos espirituais próprios da alma, mediante os quais estabelece a união com Deus.

Deus mesmo quis fazer-se corporalmente visível em Cristo, descido sobre a terra para reconciliar o mundo a si. Com a finalidade de insinuar-se mais facilmente em nossos corações com o auxílio dos sentidos, Cristo, pois, instituiu os sacramentos nos quais, debaixo de sinais materiais e sensíveis, difunde em nosso espírito a graça e a caridade, as restitui se perdidas pelo pecado, as confirma e aumenta em que as possui. Abolidos os sacrifícios antigos, estabelece um novo, perpétuo, este também sensível em força das espécies sacramentais, que enquanto por um lado escondem o mistério, pelo outro lado o significam de modo mais eloqüente.

Ainda: Cristo promulga no Evangelho uma nova Lei, toda de espírito e de amor, a qual consiste essencialmente na graça do Espírito Santo, e, todavia, manda que aos afetos internos do coração se juntem as expressões externas da língua, e as obras ainda mais visíveis da mão. “Com o coração de fato se crê para obter a justiça – proclama o pregador do Evangelho, S. Paulo – e com a boca se faz a profissão de fé para conseguir a salvação” (Rm 10,10). E o

próprio Cristo declara: “Quem der testemunho de mim diante dos homens, também eu darei testemunho dele diante do meu Pai que está nos céus” (Mt 10,32).

#### PARTICIPAÇÃO E TESTEMUNHO

“Assim brilhe vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras, e glorifiquem vosso Pai que está nos céus” (Mt 5,16). Eu fui beneficiado em segredo pelo meu Deus. Não devo eu cobrir com a colcha do silêncio os seus secretos favores: antes, “bendirei continuamente ao Senhor, seu louvor não deixará meus lábios” (Sl 33,2), e convidarei também meus próximos para exaltá-Lo e agradecê-Lo comigo (id. v. 4). Por isso eu creio, por isso também falo (Sl 115,10) e não mantenho a verdade por mim conhecida prisioneira de uma injusta dissimulação, em um tímido e vergonhoso silêncio.

A cada um de nós o Senhor confiou o cuidado do próximo. E então manifestemos as nossa religião, confessemos a nossa fé, externemos a nossa devoção. Assim exige a glória de nosso Senhor, nos obriga a utilidade do nosso próximo, o pede o nosso interesse. Trata-se de defender a honra de nosso Pai, de sustentar a fraqueza dos nossos irmãos, de fazer crescer em nós um grande tesouro de graça.

Nada de respeito humano; não temamos os homens nem seus eventuais escárnios. Temamos, sim, “aquele que tem o poder de precipitar a alma e o corpo na geena” (Mt 10,28). Sirvamos de boa vontade aquele que por tantos títulos é nosso Senhor e que conquistou a si o direito da nossa fidelidade, servindo a Ele por primeiro com tantas fadigas e humilhações e penas, a Ele que no final promete recompensar o nosso serviço fazendo-nos sentar junto com ele sobre o próprio trono da glória (cf. Mt 19,28).



(1) – A defesa do culto exterior feita nesta pregação – que é de 15.10.1806 – apresentava também um caráter de particular atualidade naquele tempo, devido à mentalidade jansenística largamente difundida no Vêneto. Pe. Gaspar prodigalizou um notável esforço na luta contra o jansenismo, pela qual foi ao encontro de não poucos sofrimentos. Pe. Nello Dalle Vedove chega a afirmar que ele estava no “centro da resistência ao jansenismo” em Verona (BERTONI, 3, pág. 554)

*(De “A Gramática do Pe. Gaspar”)*

LITURGIA (*continuação*)

VALOR DAS CERIMÔNIAS LITÚRGICAS

Os ritos e as cerimônias com que a Igreja adornou as celebrações litúrgicas são realidades plenas de significação e assaz úteis, por nada indiferentes. Elas são na realidade o sinal exterior da piedade e do afeto interior; antes, daquela piedade e daquele afeto interior elas são também, ao mesmo tempo, ajuda e alimento. Mais ainda: as cerimônias ajudam não só alimentar o afeto e o sentimento, mas também a inteligência da fé. S. Agostinho reconhece abertamente ter sido induzido a aceitar o dogma da presença do pecado original nas crianças antes do batismo, pelo fato de que, segundo o rito antigo daquele sacramento, os indivíduos eram exorcizados, e pela boca dos presentes faziam a renúncia ao demônio e suas obras.

A excelência da religião cristã, essencialmente espiritual, não é facilmente percebida por nós que somos feitos de corpo, além do espírito. Por isso os mistérios são apresentados não sua essencialidade, mas são, por assim dizer, revestidos e ornados para que apareçam também aos sentimentos na luz de um certo esplendor exterior, e através deste sejam percebidos com maior facilidade e com mais espontânea adesão da mente. Poder-se-ia dizer que as cerimônias representam para o culto religioso o que o sal é para o alimento, ou a côdea para o miolo.

Finalmente, lembre-se que as cerimônias fazem parte integrante do culto divino. O homem deve prestar culto a Deus com a alma e o corpo, no devido modo instituído pela Igreja. “Pensemos – diz S. Cipriano – que nos encontramos na presença de Deus; e aos olhos de Deus devemos agradecer também com a atitude do corpo e com a expressão da voz”.

EDIFÍCIOS E PARAMENTOS LITÚRGICOS

“Senhor, amo o esplendor da tua casa e o tabernáculo onde habita a tua glória” (Sl 25,8). Davi amontoou tanta prata e tanto ouro para a construção, feita depois pelo filho, daquele majestoso templo que era uma das maravilhas da antiguidade. Com quanto maior razão devem ser ornadas e enriquecidas as nossas Igrejas, onde os altares tingem-se do sangue não mais dos animais imolados, mas do próprio Cristo, divino Cordeiro imaculado!

Nenhuma comparação é possível entre o palácio de um personagem mesmo entre os grandes do mundo, e a casa de Deus. Todavia aquele que acolhe uma quantidade de pó resplende muitas vezes de magnificência e suntuosidade, no exterior e no interior, enquanto esta habita o Rei dos Reis, revela às vezes pobreza e grande miséria, e para recobrir a nudez das paredes se usam os restos mais estragados dos guarda-roupas.

O próprio Cristo quer nos mostrar quanto ele deseja o esplendor dos sagradas templos: “Ele vos mostrará uma sala no andar superior uma grande sala mobiliada, e ali fazei os preparativos” (Lc 22,12)

Por causa disso, Pe. Gaspar não deixava faltar nada à perfeição e ao decoro do que servia à sua Igreja dos Estigmas. Quanto amava a frugalidade da sua mesa e a pobreza no vestir, e na mobília de seu uso e dos seus, tanto queria suntuosa e esplêndida a mesa divina, ricamente vestido o sacerdote que devia subir ao altar, os vasos sagrados de material precioso.

Queria que as velas, as vestes, as roupas brancas, as alfaias sagradas, os paramentos de todo gênero, tudo enfim que é ligado ao altar e quanto é requerido para a celebração, tudo respirasse elegância, decoro, propriedade.

#### O PAPEL DAS IMAGENS

À tarde, contemplando uma imagem da SS. Trindade, muita reverência e muito amor às três Pessoas divinas. O Eterno Pai, que estava com os braços abertos, explicava-me a sua misericórdia e a fácil comunicação das suas luzes.

As imagens servem para excitar à virtude, exatamente como fazem os arrazoados das pessoas espirituais. E quem mais poderá relatar a grandeza, a multiplicidade, a conveniência das virtudes que a nós apresentam as boas imagens, e a muda eloqüência com que se nos fazem ver, antes, quase fazem entrar no coração através dos olhos? Esta é uma verdadeira escola de todo gênero de virtude, para toda idade, para todas condições, em qualquer tempo, em qualquer circunstância.

Certamente, para que uma imagem mova a devoção, se requer beleza e doce expressão de afeto. A este propósito nos fazem envergonhar os orientais que em fato de pinturas observam uma rigorosa modéstia e uma extraordinária devoção; enquanto se dá o caso que certas imagens nossas, pintadas ou esculpidas com estilo antes mundano, longe de mover à devoção, provocam divagações, fomentam a vaidade e produzem ainda alguma vez próprio e verdadeiro escândalo.

Seja como for, a benéfica eficácia das boas imagens é atestada pelo senso comum tanto dos doutos como dos simples, dos justos como também dos pecadores; todos eles tiram delas eficazes estímulos para repudiar o pecado, frear as paixões, amar a virtude (1).



(1) – Oração acadêmica sobre o culto das imagens. Trata-se de um sermão – feito aos 18.04.1806, sempre na Igreja de S. Paulo in C. M. – em defesa do culto especial das imagens de N. Senhora e de S. Ana presentes naquela mesma; culto que era particularmente contestado pelos jansenistas.

*(De “A Gramática do Pe. Gaspar”)*

### COMO DISPOR-SE PARA RECEBER O SALVADOR

Eis que já se aproxima o tempo favorável, eis já próximos os dias da Salvação (cf. 2Cor 6,2). Uma doce e alegre esperança já nasceu em nossos corações e alegres afetos de exultação, de amor, de desejo já comovem nossos ânimos. Agora, depois de haver refletido sobre o propósito por nós formulado de “esperar a alegre chegada do Salvador”, chegou o momento de refletir sobre o modo de atuar aquele propósito.

Quem, com o desejo, corre ao encontro de Cristo, quando Ele se aproxima deve unir aos bons desejos o esforço, antes, o ato eficaz de abandonar e deixar totalmente a tortuosidade dos seus costumes e altura soberba dos pensamentos mundanos. Além disso, diante de Cristo, deve-se confundir pela vida passada e envergonhar-se dos próprios pecados, confessando-os com humilde arrependimento.

O Senhor nosso Jesus Cristo nos dá a graça de fazer isto perfeitamente no tempo do Advento: a fim de que, introduzidas nossas almas em sua casa, e dignando-se Ele de uni-las a si pela graça nesta vida e pela glória na outra, possamos aqui na terra e lá em cima no céu congratularmos juntos da nossa felicidade e juntos louvar sua misericórdia.

### COMEÇO DO ANO

Na sua carta, você me augura mil bênçãos para este ano, não excluindo as cruces. Eu o agradeço por tanta benevolência, sumamente espiritual.

Com efeito, que melhor bem poderia desejar a seus amigos, senão as cruces? Certamente a mim não podia dar um prazer maior. Não que eu tenha a força de carregá-las, mas o Senhor me dá a graça de apreciá-las; e espero das suas orações e da divina misericórdia juntamente com o padecer também a paciência. Agora, vendo-as a seu tempo aparecer desde os primeiros dias do ano, acolho-as de boa vontade e digo: eis as cruces que me foram anunciadas pelo meu Pe. Luiz. Seja bendito o Senhor!

Enquanto ainda rendo graças pelos felizes augúrios para o próximo ano, peço que o Senhor o retribua com todas as bênçãos que você possa desejar. No entanto, alegro-me com o grandíssimo dom que o Senhor lhe fez de dar graças nas tribulações; porque “a paciência faz obras perfeitas” (Tg 1,4), e o espírito agradecido nos males atrai sobre o homem grandes bens, não havendo coisa que mais honre a Deus.

*(De “A Gramática do Pe. Gaspar”)*



*Um Feliz e Santo Natal e um Próspero Ano Novo... conforme Pe. Gaspar.*

## ESTUDO E CULTURA

### CULTURA E VIDA ESPIRITUAL

“Deus é o Senhor das ciências” (1Sm 2,3). Sem o auxílio dos conhecimentos naturais não se pode chegar à sublimidade das coisas espirituais: e eu ousou acrescentar que ele não poderá ser desenvolvido como se deve, sem o sustento de uma grande cultura nos seus vários membros e que o primeiro germe de corrupção das grandes obras de Deus será a ignorância ou – isto equivale em saber muito – saber mal, que é ter perdido o bom gosto.

Ocorre que todos se persuadam da importância dos estudos como meio da divina glória, e se preparem para afrontar as tentações do Maligno; o qual sob a aparência de piedade procura todo jeito para afastar as pessoas dos estudos das ciências humanas, prevendo os enormes danos que das letras humildes cairão sobre o inferno todo. E ao mesmo tempo é preciso estar em guarda contra a outra tentação, também do inimigo, que se serve dos estudos mal feitos para fazer o homem cair na maior ruína.

São as letras divinas que nos fornecem as armas para o apostolado. Porém, as letras humanas são assaz úteis para o conhecimento da S. Escritura. Para o estudo da S. Escritura ajudam as várias línguas, antigas e modernas, a geografia, a história profana, a literatura, as ciências. É o diabo que nos quer ignorantes nas matérias profanas. As letras humildes são uma grande coisa, também para a oração e a meditação.

### ESTUDAR CONFORME OS PRÓPRIOS TALENTOS

Existem engenhos de dimensões modestas que devem limitar-se a poucas coisas. Outros, ao contrário, dotados de tal amplitude, que podem abraçar praticamente tudo.

Quando os primeiros, esquecidos de si mesmos, querem elevar-se ao nível dos segundos, ficam como que perdidos, e pela sua vaidade arriscam perder o lugar que teriam podido ocupar com dignidade em uma condição modesta, se tivessem tido a discrição de parar. Por outro lado, os grandes engenhos, não chegando sempre a conhecer efetivamente tudo o que em teoria teria sido possível, são tentados a perder-se e a diminuir a coragem de elevar-se às alturas correspondentes aos próprios merecimentos. Como consequência, terminam às vezes por apegar-se às pequenas coisas, a ponto de tornarem-se incapazes daquelas grandes realizações para as quais o Criador os havia preparado.

Daqui, porém, não segue que os engenhos sublimes não devam de vez em quando descer do seu nível para estudar também as pequenas coisas e nem que os modestos não possam de vez em quando dar uns vãos e transcender o alcance ordinário das próprias capacidades cognitivas. É certo, porém, que se, de um lado, não se deve descuidar coisa alguma, de outro lado, é útil elevar o engenho a coisas mais altas, conquanto tudo se faça com tal medida, evitando tanto o desprezo pelas coisas mais humildes, quanto o tédio e a desconfiança com que se podia ir ao encontro.

## ESTUDO E CULTURA

### ESTUDAR PARA A GLÓRIA DE DEUS

Não é o caso de preocupar ou de temer particulares dificuldades no caminho do estudo que se percorre para encontrar nosso Senhor e para procurar a sua glória; já que é Ele mesmo o Senhor de todas as ciências (1Sm 2,3), e ninguém jamais deu um passo sem a sua luz no conhecimento das mesmas coisas naturais. Pois se Deus não negou esta luz a muitos homens, mesmo pagãos e infiéis – para que servisse de auxílio a muitos outros, embora eles por própria conta possam ter abusado – como poderá negá-lo àqueles que querem servir-se deles para melhor conhecê-lo e amá-lo, e se propõem, além disso, de comunicá-lo aos outros para o mesmo fim?

Desde que os estudos são um meio sobretudo para procurar a glória de Deus no trabalho apostólico junto aos outros, é claro que se deve em primeiro lugar e antes de tudo procurar esta divina glória em nós mesmos; isto é ter obtido plena vitória de si antes de entrar em campo para vencer, com a arma dos estudos, os corações dos outros. Para isto é bom ter presente a advertência, dada por S. Inácio aos estudantes, de encontrar sempre vivo o sentido da presença de Deus; como também as outras indicações dadas pelo Santo com a finalidade de valorizar sempre melhor os estudos como meios para a glória de Deus, e ao mesmo tempo defendê-los das insídias do Maligno.

Tenhamos presente que é melhor saber pouco, mas bem e com precisão, que muito, mas confusamente; pois então nem mesmo se sabe o que poderá presumir do que a pessoa sabe.

### A VÃ CURIOSIDADE

Todos moderem o desejo daquilo que se refere ao saber; o que se faz mediante o que não lhe convém não pode entender todas as coisas; e vindo depois, a saber, alguma coisa que lhe desagrade, nada pode fazer senão inquietar-se. Existem aqueles que se interessam dos fatos particulares dos outros, procuram ouvir tudo, arrancar segredos pequenos das pessoas, para esparramá-los depois a mostrar-se informados de tudo. Não fazendo nada têm tempo de bisbilhotar, e levam os outros a fazer o mesmo, procurando trocar as coisas conforme as sugestões da sua fantasia inquieta e turbulenta. De fato, não existem tipos curiosos que não sejam inquietos também. Por isso, a Escritura reprova a vã curiosidade: “Cuida daquilo que te foi mandado e não sejas curioso de muitas coisas” (Eclo 3,22).

O Apóstolo chama a atenção do Bispo Timóteo sobre aquelas jovens viúvas que “ociosas”, habitam-se a andar de casa em casa, e não só ociosas, mas também indiscretas e curiosas, falando coisas que não devem” (1Tm 5,13). Existem igualmente alguns que são curiosos, passeadores, grandes inquietos, semeadores de más notícias, que tomam a liberdade de visitar os ricos para pedir ofertas. Se isto não é conveniente para as viúvas, não o é para ninguém, muito menos para quem é consagrado ao Senhor.

## A SABEDORIA HUMANA

Deus é autor não só das verdades naturais, como também das de ordem sobrenatural; por isso, em todas as coisas se deve procurar a verdade dele, e por toda a parte se deve adorar. Que se alguma vez não nos é dado conseguir a verdade, será, porém, sempre atribuído louvor e glória o havê-la ao menos investigada ou ter-se dela aproximado. Antes, se poderá julgar já em certo sentido um bom sucesso o ter chegado a formar-se uma razoável dúvida, sem precipitar jamais em soluções ocasionais.

Devem-se investigar a verdade de ordem natural também porque nos servem como degraus para as sobrenaturais; às quais é impossível chegar partindo seja da ignorância, seja do erro ou da falsidade. Especulando as coisas arcanas da natureza, a nossa mente se exercita à contemplação das realidades espirituais e chega a encontrar um particular deleite na indagação, pois das realidades mais misteriosas e sublimes.

É, portanto, um grande empreendimento formar homens autenticamente sábios, homens que saibam raciocinar bem, que saibam estar em guarda contra toda causa de erro, que em todo o próprio comportamento saibam seguir os ditames da reta razão e das virtudes.



## ESTUDO E CULTURA

### O ESTUDO DA PALAVRA DE DEUS

Ao estudo da Escritura se reduzem toda a ciência e a teologia dos primeiros padres da Igreja. Dali atingiram idéias e fundamentos tão sólidos de piedade, pelo que se tornaram tão queridos a Deus, guias e mestres de outros homens.

S. Jerônimo exorta seu caro Nepociano: “Lê assiduamente a divina Escritura. Antes, não separe mais de tuas mãos o Livro da Palavra de Deus”. Do mesmo Nepociano pôde escrever o santo Doutor que com a leitura e a meditação assídua da Escritura ele havia feito do seu peito uma biblioteca de Cristo.

Ainda S. Jerônimo, escrevendo a Paulino, quer que ele penetre até o fundo e ao miolo das Escrituras também para encontrar a norma da vida monástica e para poder ser bom mestre dos outros. Incita-o a aprender da Escritura o que deve ensinar, adquirindo aquele discurso fiel que é conforme ao ensinamento seguro, a fim de que esteja à altura pois de exortar com sã doutrina e de confutar os que contradizem. Efetivamente, foi sempre sentença comum dos Padres e Doutores da Igreja que o estudo da Bíblia seja conveniente de modo todo particular às pessoas consagradas.

### COMO ESTUDAR A HISTÓRIA

Do conhecimento da História, tanto mais se for acompanhado da meditação dos fatos passados, se chega a conquistar uma particular atitude à prudência, pois daí contemplamos quase como num espelho as vicissitudes das coisas humanas e os prodígios da Providência Divina, tanto em nível do regime universal quanto pelo que diz respeito ao modo com que o Senhor governa sua Igreja. Certamente ocorre chegar-se ao estudo da história, particularmente da História da Igreja, não pelo motivo de simples curiosidade. Mas quando se faz isso com seriedade, com a intenção de tirar verdadeiramente fruto, não há dúvida que se consegue uma utilidade maior do que se possa imaginar.

Naturalmente, não se trata só de recolher na memória uma série de fatos, de datas, de personagens, de ações. Isto não é ainda ciência histórica, porque a ciência é também sempre acontecimento das coisas através da razão e das causas. Saber a história quer dizer pois conhecer bem os homens, que são seus protagonistas; avaliar, por quanto é possível, as qualidades e os defeitos, as opiniões, as paixões, os motivos que determinaram suas escolhas.

Deve-se chegar, em suma, a tirar do conhecimento dos outros uma medida a ser aplicada a si mesmos; nos homens virtuosos e santos encontrar a própria edificação, nos viciosos e ímpios saber enxergar ao contrário aquilo que se deve evitar. Assim como se deve tirar uma norma sobre o modo de comportar-se; tanto nas situações favoráveis como nas adversas. Faltando estas disposições não se tirará da história um verdadeiro fruto; isto é uma exata regra de conduta que se adquire do outro lado do simples conhecimento dos dados, por meio de prudentes reflexões e ponderações.

## OS LEIGOS NA IGREJA

### OS LEIGOS E A SANTIDADE DA IGREJA

Muitos leigos na Igreja são mais empenhados que muitos sacerdotes em responder à vocação divina que chama os homens à santidade. Suas vidas são imaculadas e plenas de boas obras. Há verdadeiramente que se aprender de tantos leigos exemplares. “Aparecem os simples e roubam o reino dos céus; e nós com toda nossa doutrina, mas sem coração, nos debatemos ainda na carne e no sangue”.

Que motivo de vergonha e de temor, para um sacerdote, contemplar tantos leigos no meio do mundo mais preocupados do que ele na perfeição espiritual, e também efetivamente mais perfeitos. Quantos são na realidade mortificados, castos, humildes, caridosos!

Pode acontecer verdadeiramente que um jovem orientado ao sacerdócio seja tentado na sua vocação pelo exemplo que não é bom de algum sacerdote, aliás, mundano. E eis que a Providência divina fornece, às vezes, em tal caso, um forte auxílio também no constante testemunho e na perfeita caridade de não poucos leigos. Quem, prendendo-se a este auxílio, não só vence o escândalo recebido de padres mundanos, mas se esforça, além disso, para não se deixar superar pelos leigos no caminho da perfeição, mostra ter uma ótima disposição ao sacerdócio.

Dá pena ver tanta santidade nos leigos, e tanta imperfeição em um sacerdote.

### OS LEIGOS E A MISSÃO APOSTÓLICA

Não só os sacerdotes, mas sob sua direção também os leigos podem ser empregados para a instituição dos Oratórios Marianos. E devem cooperar para seu bom andamento, como no seu tempo fazia Pe. Gaspar Bertoni, que se servia de leigos exemplares para o bom governo dos Oratórios constituídos e os empenhava também para serem fermento de novas fundações.

Por meio de alguns jovens mais preparados Pe. Gaspar andava jogando o anzol para pescar os mais distantes e afastados, e fazia boa pescaria. Eles conseguiam antes de tudo insinuar-se um pouco por vez no ânimo dos dispersos, e depois os induziam com boas maneiras a participar do Oratório; onde, uma vez que tivesse falado com Pe. Gaspar, era por ele atraídos à piedade, se confessavam e mudavam de vida, e não raramente se tornavam cristãos exemplares. Muitos daqueles jovens apóstolos, particularmente zelosos, debaixo da veste de seculares mantinham um verdadeiro espírito missionário, a ponto de não invejar nada dos religiosos.

Havia, pois, um grupo escolhido, flor e sustentáculo do Oratório e de uma virtude não ordinária, dos quais Pe. Gaspar podia dispor a seu talante para empenhá-los aqui e ali, onde a necessidade o exigisse, sempre pronto aos acenos do Diretor. Era formado de jovens e adultos que gostavam de se reunirem para experiências de formação. E também no tempo em que os outros se dedicavam ao jogo se ocupavam sobre argumentos instrutivos ou edificantes, ou executando juntos algum canto sacro.

## PE. GASPAR E A FORMAÇÃO DOS LEIGOS

Depois de haver passado todo o dia festivo com os rapazes nas diversas atividades do Oratório, Pe. Gaspar se entretinha à noite em sua casa com aquela parte da juventude que mais lhe estava ao coração. Mas não somente nas noites de domingo e de feriados; porque logo logo começou a receber também todas as noites dos dias úteis aqueles jovens e adultos do Oratório que estavam livres do trabalho, e com eles passava estas horas em leituras e entretenimentos espirituais. Cada um podia intervir com as próprias observações, ou pedir explicações; a todos ele respondia pronta e familiarmente, de modo a satisfazer todas as perguntas e deixá-los bem instruídos e formados.

Nos Estigmas – onde o Oratório floresceu a tal ponto que para acolher os rapazes não era mais suficiente a Igreja nem a capela da Conceição – formou-se um grupo de cerca de trinta, entre jovens e adultos, dos mais escolhidos e fervorosos, os quais se distinguiam pelo retiro, pela freqüência aos Sacramentos, pela devoção e piedade. Eles se recolhiam na capela doméstica, chamada da Transfiguração, onde para eles havia instruções especiais e entretenimentos que levavam à perfeição.

Como aquela capela era vizinha do quarto de Pe. Gaspar acontecia muitas vezes que, faltando o sacerdote encarregado por motivo de saúde ou de impedimento, ele mesmo se movesse, já velho e mal de saúde, para ir até o altar e fazer-lhes o sermão; ou então os chamava ao seu quarto aquele grupo escolhido e fazia assim a pregaçãozinha, com suma edificação e satisfação deles.

## VOCAÇÕES PARA O MINISTÉRIO DA IGREJA

### EU VOS ESCOLHI

“Não fostes vós que me escolhestes, mas eu vos escolhi e vos constitui para que vades e produzais frutos, e o vosso fruto permaneça” (Jo 15,16). Não fostes vós os primeiros – diz Jesus – a me escolher como Mestre e Senhor, mas eu por primeiro vos escolhi e vos chamei; e com a minha vocação e a minha graça fiz com que vos tornastes meus amigos, meus discípulos, meus apóstolos. Na parábola da videira e dos ramos insiste ainda: como o agricultor escolhe as melhores videiras para plantar na sua vinha assim eu, ó Apóstolos, vos escolhi para plantar-vos na minha Igreja como as melhores vinhas, assim tornados pela minha graça para que produzais uma boa colheita de uvas, isto é, todo um povo de fiéis, numeroso e bem formado (cf. Jo 15,1ss).

cristo fala assim para mostrar a grandeza do seu amor para com os Apóstolos; porque entre todos os outros homens, mesmo mais nobres e mais doutos e mais eloquentes, escolheu como seus Apóstolos exatamente eles, fazendo-os seus especiais amigos e príncipes da sua Igreja. Com isto os estimula a retribuí-lo com um amor e um obséquio para ele verdadeiramente especial e constante.

Ele entendeu, além disso, induzir os Apóstolos a considerarem a eminente dignidade da sua condição e da sua tarefa apostólica; para que se empenhassem em corresponder-lhe do modo mais adequado com um seguimento radical de Cristo. Ainda, com aquela escolha feita primeiro por ele, Cristo quis dar aos Apóstolos uma lição de humildade, quase dizendo: Eu vos chamei sim amigos, e vos coloquei a par dos meus segredos mais íntimos, mas não deveis por isso orgulhar-vos, porque tudo isto não é merecimento vosso, mas sim puro dom da minha parte.

O Senhor, enfim, insiste em afirmar que ele mesmo constituiu os Apóstolos na sua dignidade, a fim de que eles tenham confiança que se tudo quanto eles possuem vem dele, ninguém jamais poderá impedir sua missão de recolher uma grande messe de almas no mundo. Ele permanecerá sempre com eles e será sempre garantia da sua fecundidade em produzir frutos para o Reino de Deus.

### HÁ UM TEMPO QUE DEUS NOS CHAMA

Desde a eternidade Deus nos amou e decretou nos chamar. Há bem tempo que ele nos ama, e nós ainda não o conhecemos bastante. Deus nos chamou com uma vocação santa: tal que é capaz de tornar santos também os pecadores e os inimigos.

Se pois ele é assim poderoso em chamar, e chama por um dom gratuito da sua bondade, não há nada a temer. Se quando éramos ainda distantes ele nos salvou com sua graça, embora fôssemos inimigos; quanto mais não será próximo agora, vendo que nós fazemos a nossa parte!

Deus nos salvou não em força das nossas obras, mas por um seu desígnio de amor, levado unicamente pela sua bondade. E nós somos chamados a colaborar com este desígnio de

salvação com a força que ele nos dá. O anúncio do Evangelho é difícil, restringido como é por todo lado no giro de tantos interesses do mundo, que tende a aprisioná-lo ou marginalizá-lo. Pelo Evangelho devemos estar dispostos a sofrer, a suportar adversidades de todo gênero com paciência e coragem; antes, longe de fugir das aflições, as desejaremos, confiando não nas nossas pobres forças, mas no poder de Deus que triunfa mesmo quando nós somos fracos.

Estejamos seguros que Deus, que nos chama para esta luta a fim de que tenhamos de combater e vencer pela causa da fé, estará próximo de nós e nos sustentará com sua própria força. Pelo Evangelho conseguiremos então suportar com generosidade e alegria todo gênero de adversidade, mesmo as mais graves. Animados pela confiança não em nós mesmos ou nas nossas forças, mas em Deus, mergulharemos nele com a oração; e ele nos acolherá e nos tornará mais fortes que todos os inimigos, que todas as tribulações, todas as perseguições.

### DEUS ESCOLHEU O QUE NO MUNDO É FRACO

“Vede, irmãos, o vosso grupo de eleitos” (1Cor 1,26), isto é a razão e o modo da vossa vocação. “Não há entre vós muitos sábios, humanamente falando, nem muitos poderosos, nem muitos nobres” (id): escreve S. Paulo aos Coríntios. Também nós somos pobres, sem poderes, sem privilégios, sem nobreza, sem cultura mundana. Nós conhecemos só um pouco de teologia e um pouco de direito. Sabemos só pregar com simplicidade a doutrina de Cristo e explicar a sua Lei. Não temos a eloquência dos grandes oradores nem o prestígio dos sábios.

“Cristo nos enviou – afirma ainda São Paulo – a pregar o Evangelho, sem recorrer a habilidade oratória, isto é, com eloquência e a procura da oratória, para que não se desvirtua a Cruz de Cristo” (1Cor 1,17). Isto é, Cristo quis que a pregação não fosse poluída e tornada vã, como aconteceria se os homens julgassem ter obtido a fé e conseguida a salvação por força da eloquência humana ao invés da força da Paixão de Cristo.

Em seguida o Apostolo tem como justo admitir na comunidade cristã também os doutos e os grandes do mundo; mas o fez não porque tivesse necessidade, quanto para evitar qualquer forma de discriminação.

“Onde está o sábio? Onde o erudito? Onde o argumentador deste mundo?” (1Cor 1,20). Qual dos filósofos pôde jamais dar a salvação ou ensinar a autêntica verdade? Tudo isto foi obra de pobres pescadores. O que não puderam fazer os filósofos com os silogismos, o fez a “estulta pregação”; convencendo todos das verdades mais sublimes e fazendo de gente ignorante os verdadeiros sábios. Os pobres, os ignorantes crêem e se salvam; e é testemunho da altíssima sabedoria do pregador o fato de que os ignorantes sejam instruídos nas verdades mais excelentes e que cheguem a conformar também a própria vida com elas.

## VOCAÇÕES PARA O MINISTÉRIO DA IGREJA (cont.)

### A VOCAÇÃO: UMA CADEIA DE GRAÇAS

Deus não recusa ninguém que quer combater debaixo do estandarte de seu Filho e que se vale dos meios por ele prescritos, isto é, oração e mortificação. Na verdade eles triunfarão gloriosamente. Recolhimento e sentimento do grande benefício da oração. Que grande bem seja esquecer-se e despojar-se das criaturas para procurar somente a Deus.

A graça da vocação é uma série imensa de graças. Esta série pode romper-se; e para rompê-la é preciso muito? Basta começar a não corresponder; aquela cadeia e aquela série de graças do Senhor, em uma alma que não corresponde rompe-se logo logo. E o que sucede então? Sucedem as coisas da vocação enfadadas e pesadas; com o andar do tempo ou não se fazem ou se desleixam. É para se temer: pode-se verdadeiramente perder a vocação.

Aí se começa a dizer: Oh, não quero tantos escrúpulos; não quero vínculos, não quero tantas perfeições. Seria sinal que não se tem justo conhecimento da nossa vocação. E pior ainda se se começasse a gostar dos deleites humanos: riquezas, honras, prazeres. Seria sinal de que se tem náusea dos valores e deleites espirituais.

### TORNAR SEMPRE MAIS SEGURA A VOCAÇÃO

Deus fez tudo da sua parte. Chamou, deu e continua dando a graça para poder segui-Lo bem. Mas resta ainda que a alma com a divina graça faça tudo o que se refere à sua parte; que corresponda, que renegue-se a si mesma, que tome voluntariamente a sua cruz às costas e que, por obediência, siga seriamente nosso Senhor até a morte.

Certamente a alma será também ajudada na sua fraqueza, confortada nas suas tribulações. Mas com tudo isto ela deve estar atenta para empenhar-se com toda diligência e, agindo com temor e tremor, tornar certa a própria eleição mediante as boas obras e a demonstração de sólidas virtudes, conforme o dito da S. Escritura: “Cuidai cada vez mais em assegurar a vossa vocação e eleição” (2Pd 1,10). Por isto S. Inácio colocou tantos anos de espera antes da definitiva admissão na Companhia de Jesus; com a finalidade de esclarecer com provas e testemunhos evidentes e tornar segura da parte dos indivíduos aquela vocação que, da parte do Senhor, se apresenta certa e sem sombra de dúvida.

Cabe, pois, ao indivíduo assegurar-se, por sua parte, desta mesma vocação e eleição. Analisando a coisa, tudo se reduz facilmente nisto: que o indivíduo saiba desconfiar de si e confiar em Deus; que trabalhe e reze; que tema e ame.

### A IGREJA PREPARA AS VOCAÇÕES CONSAGRADAS

A vocação é efeito da eleição gratuita do Esposo. “Não vós me escolhestes, mas eu vos escolhi” (Jo 15,16). Em relação a esta eleição a sua Providência, dispondo os meios com força

e ao mesmo tempo com suavidade (cf. Sb 8,1), empenha a isto, seja o cuidado maternal da sua Esposa, a Igreja, seja a cooperação plenamente livre dos próprios eleitos.

Para a vocação consagrada Deus predispõe antes de tudo uma preparação remota. A divina Providência nos fez vir ao mundo dotando-nos de vários dons da natureza; nos chamou à fé; ou, melhor, nos fez nascer num ambiente permeado de fé; nos fez entrar na Igreja mediante o Batismo; nos enriqueceu de virtudes e dons aptos ao ministério a que nos destinava. Temos verdadeiramente motivo para adorar e agradecer o Senhor, e ao mesmo tempo, rezar para sermos purificados dos vícios e sermos regenerados em uma vida nova em Cristo. Deus, àquele que chama a um determinado estado de vida, dá tudo quanto é necessário para tal estado; ele não falha em fazer verdadeiramente tudo da sua parte.

Há também o esforço da Igreja, Esposa de Cristo, que oferece a sua prudente e provida colaboração. Este esforço da Igreja se exprime em cuidar do progresso do eleito, seja ao longo do caminho da ação seja do da oração; e se desenvolve com o ritmo próprio de uma mãe, que no começo dá o leite a seu filho e depois, conforme ele se desenvolve, o vai desmamando.

Sobre a ação, a mãe Igreja oferece ao candidato o leite dos ensinamentos e dos exemplos mais simples, para que comece a praticar as virtudes morais; o desmama fazendo avançar nas virtudes religiosas; o confirma depois na perfeição com o exercício das virtudes divinas e teológicas.

Sobre a oração, o aleita fazendo-o meditar os mistérios da Humanidade de Cristo; o desmama fazendo-o meditar a Paixão do Senhor; o conduz ao templo para que aí permaneça, fazendo-o meditar nos mistérios da Ressurreição e Divindade, a fim de que possa depois pregar com unção.

A nós cabe o empenho de corresponder, da nossa parte, a tantos cuidados.

## A IGREJA FAZ AMADURECER AS VOCAÇÕES CONSAGRADAS

Se a preparação remota à vocação consagrada é constituída pelo esforço para a perfeição cristã, a preparação próxima comporta, além disso, um esforço mais específico para a perfeição do serviço eclesial. Trata-se de aprender a ciência dos Santos para converter os pecadores, para guardar os justos e para avançar na união com Deus.

A Igreja age em tal sentido inspirando ao eleito propósitos de fortaleza para imitar os Santos; propondo-lhes seus exemplos e colocando-os, por assim dizer, em familiar contato com eles. Com o exemplo dos Santos a Igreja acendo no coração do eleito o desejo de ajudar o próximo e de unir-se a Deus intimamente; purificando, porém, as suas intenções, afim de que ele sintasse movido não por mundana vaidade, mas por puro desejo de agradar a Deus.

A Providência divina acompanha com a graça os cuidados maternais da Igreja; a fim de que o candidato faça generosamente a oferta total de si mesmo a Deus, e o faça com grande alegria. Efeito de tal dom da graça é a capacidade de dar-se totalmente ao prazer de Deus, como um verdadeiro apóstolo que não procura os próprios interesses, mas os de Jesus Cristo (cf. Fl 2,21); e um forte impulso para crescer nas virtudes e na perfeição.

O cuidado da Igreja pela vocação consagrada volta-se já aos adolescentes, procurando guardar-lhes a inocência, mantê-los separados dos maus, favorecendo por todos os modos seu caminho de união para com Deus.

VOCAÇÕES PARA O MINISTÉRIO DA IGREJA (cont.)

COMO RESPONDER AO CHAMADO

Ocorre corresponder à Providência de Deus e ao cuidado maternal da Igreja com simplicidade de crianças e sem fraquezas; a exemplo de Samuel, que se deixava guiar docilmente como um menino (cf. 1Sm 1,24 e 3,1s).

Correspondamos ao empenho da Igreja que cuida do progresso do candidato no caminho da ação, progredindo de virtude em virtude; das virtudes morais às religiosas, às divinas. E no que diz respeito ao caminho da oração, procure aplicar-se à meditação dos mistérios da vida de Cristo e sucessivamente da sua Paixão e Ressurreição. Tudo com método, não aos saltos. Tudo na base da S. Escritura da qual se aprendem seja os preceitos para a ação, seja o conhecimento pela oração.

É preciso justamente aplicar-se assiduamente ao estudo da S. Escritura. A Providência abrirá a nossa mente para entender a Palavra de Deus com as luzes mais vivas da sua sabedoria.

Senhor, fazei que correspondendo à vossa graça e ao cuidado da Igreja, cheguemos a formular propósitos de grandes virtudes, para ajudar os outros com o ministério e a nós mesmos com a oração; a conceber desejos do mais profundo conhecimento de Deus para poder pregar bem e bem rezar; para cultivar a mais pura intenção de caridade, imune de toda ambição terrena. Fazei que nos disponhamos a dar execução pronta e generosa aos vossos projetos e que nos doemos sem reserva a vós, para poder crescer com a vossa graça em virtude e sabedoria.

SE O MUNDO VOS ODEIA, SABEI QUE ANTES ODIOU A MIM

“Conhecimento do grande bem que é padecer alguma coisa por amor de Deus. Bem-aventurados os que são perseguidos por causa da justiça. Bem-aventurados sois, quando vos injuriarem e vos perseguirem e, mentindo, disserem todo o mal contra vós por causa de mim. Alegrai-vos naquele dia, porque no céu será grande a vossa recompensa” (Mt 5, 10-12).

Depois de haver docemente atraído a si os apóstolos, Cristo, sabendo que para muitos deles seria muito duro e quase insuportável o encontrar-se expostos à perseguição, passa a encorajá-los. Odiaram a mim – parece dizer o Senhor – e com isto eu vos precedi e vos ensinei o caminho. Seguindo-me pelo mesmo caminho, podereis caminhar com facilidade, ou até mesmo com alegria; sabendo que na perseguição podeis contar comigo como companheiro, e mais ainda como guia e modelo.

Cristo previne os Apóstolos contra as perseguições que os esperam, a fim de que as enfrentem generosamente, antes, saibam louvar e orgulhar-se, apreciando-se por aquilo que são: uma verdadeira carta de identidade cristã. Não vos maravilheis – quer ainda dizer Jesus – nem se perturbe vosso coração quando o mundo vos odeia; antes ele odiou a mim. Ao contrário, alegrai-vos porque assim sereis meus imitadores. Por outro lado, como o ódio do mundo não me prejudicou, assim não prejudicará a vós. O mundo vos persegue porque não pertenceis a ele, não estais de acordo com sua obras, mas mais ainda as contradizeis, como fiz



eu. E dizendo isto subentende: justamente por eu vos amarei, porque sois meus amigos, e fostes escolhidos por mim a fim de que condeneis as obras do mundo. É sem confronto maior a vantagem que tirareis do meu amor, que não o prejuízo que advém do ódio do mundo.

#### REAVIVAR SEMPRE O DOM DE DEUS

Como o fogo tem necessidade de lenha para permanecer constantemente aceso, assim a graça exige que haja da nossa parte o empenho da correspondência. Trata-se, para nós ministros, daquela graça especial que recebemos para guiar a comunidade cristã; depende de nós mantê-la acesa ou deixar que se apague. “Não extingais o Espírito” (1Ts 5,19), exclama S. Paulo. Mas o Espírito pode-se apagar com a preguiça e a negligência; enquanto que com a vigilância e a atenta solícitude se alimenta. Está em nós; só que nos tornemos mais ardentes, que nos enriqueçamos de fé, de ardor, de alegria.

Pode acontecer que o zelo, a caridade e a graça recebidos na ordenação, pouco por vez esmoreçam e adormeçam. Um pouco por causa da humana fraqueza e inconstância, um pouco por motivo das contrariedades, um pouco por preguiça, podem também extinguir-se. É preciso providenciar, despertá-lo, reacender a chama da caridade, estimular novamente seu crescimento e desenvolvimento. Para reacender este fogo servirá a oração, a leitura e desenvolvimento. Para reacender este fogo servirá a oração, a leitura e meditação da Palavra de Deus, o estudo, o esforço para o progresso na virtude; sobretudo o zelo e o trabalho para procurar com maior diligência e generosidade a salvação das almas confiadas ao nosso cuidado. Com estes recursos poderá ser reavivado o fogo em nosso ânimo, será despertada a liberdade de espírito já adormecida e encarcerada, e será possível afrontar vitoriosamente o mundo com seus falsos amores, seus erros, seus medos. Vencido o egoísmo e eliminado o medo tornará a arder o fogo da caridade e dia a dia se dilatará sempre mais.

## OS SACERDOTES

### SACERDOTES E FIÉIS

Não saberia dizer quem sobre esta terra Deus quis exaltar mais que seus sacerdotes. “Que os homens nos considerem como ministros de Cristo – diz S. Paulo – e administradores dos mistérios de Deus” (1Cor 4,1). Esta é a justa idéia que o povo cristão deve formar dos seus sacerdotes. Então quando vemos um deles devemos dizer também nós: Eis um ministro de Cristo, um dispensador dos mistérios celestes, um embaixador do grande Soberano. Como diz ainda o Apóstolo: “Nós desempenhamos o encargo de embaixadores em nome de Cristo, e é Deus mesmo que exorta por nosso intermédio” (2Cor 5,20).

Os sacerdotes nos regeneraram no Batismo e por meio deles nos revestimos de Cristo, tornando-nos membros daquele Corpo do qual Ele é a Cabeça. Se pois crescemos e nos tornamos capazes de nos enriquecer das riquezas do Espírito, somos devedores deles, que nos alimentaram e sempre nos alimentam com o alimento salutar da Palavra de Deus. Eles nos preparam cada dia o Banquete supra substancial, e pelas suas mãos nos é dado o Pão dos Anjos. A eles Deus comunicou a autoridade, própria deles só, de perdoar os pecados. “Àqueles a quem perdoardes os pecados, ser-lhes-ão perdoados; àqueles a quem os retiverdes, ser-lhes-ão retidos” (Jo 20,23). Se repousamos seguros na paz do coração, se não prevalece o inimigo em prejuízo do nosso Espírito, se mesmo entre as ameaças de uma Justiça irritada se mostra com rosto propício a Misericórdia; são os sacerdotes que apresentam a Deus, por obrigação cotidiana, a oração oficial e eficacíssima da Igreja para obter a todos paz e tranqüilidade.

Todavia, se o sacerdote é superior aos leigos por dignidade, e quase um anjo em força do seu ofício, também é ele um homem igual a todos os outros por natureza e condição. Ele é premido por todo lado pelas mesmas tribulações, assediado pelos mesmos inimigos, ameaçado pelos mesmos perigos, senão até maiores. É então no mesmo momento em que o sacerdote ajuda os fiéis a conseguir a salvação, deve ser também ele ajudado por sua vez a conseguir a salvação pelas suas orações. Rezemos, sim, pelos sacerdotes.

### ESCOLHIDOS DO MUNDO

“Eu vos escolhi do mundo” (Jo 15,19). Este fato de nos haver separados do mundo mostra que não somos mais do mundo: “Não sois do mundo” (id). Os sacerdotes devem ser separados do mundo, destacados dele, crucificados e mortos para o mundo. Separados não só pelo domicílio ou habitação, mas pelo espírito e sentimento. Não basta que se tenha o hábito do ministério que distingue do mundo: é preciso ter o espírito. Quantos sacerdotes têm um espírito todo mundano. Quantos não se envergonham até mesmo de assumir o hábito e as insígnias do mundo!

Destacados do mundo. Seria infelicíssimo aquele sacerdote que fosse distinto e separado do mundo em força do caráter da Ordem, sem ser dele destacado. Este não teria nem as consolações de Deus nem as do mundo. Seria a quimera do século: nem secular nem clérigo.

Não secular porque separado do mundo em força da Ordem sagrada; não clérigo, porque pertencente ainda ao mundo.

Crucificado para o mundo. “O mundo está crucificado para mim, como eu para o mundo” (Gl 6,14). Se o mundo, mesmo sendo eu padre, não deixa de concordar com minhas máximas, e eu concordo facilmente com as suas, não sou padre senão de nome. “Se eu quisesse ainda agradar aos homens, não seria servo de Cristo” (Gl 1,10). Para sê-lo efetivamente e em verdade, é preciso que o mundo seja a minha cruz, como eu serei infalivelmente a cruz do mundo pela contrariedade de sentimento e de princípios que se encontrará entre ele e eu se eu quiser comportar-me como verdadeiro sacerdote.

Morto para o mundo. Não basta ser crucificado, porque se pode estar na cruz, mas vivos. É preciso estar mortos ao mundo por fora e por dentro. O mundo ao qual devo principalmente morrer está em mim mesmo, que é mais perigoso ainda do que o externo, e é constituído pelas três concupiscências lembradas por S. João: “A concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida” (1Jo 2,16). Este mundo deve ser muito mais temido, porque está em mim e é parte de mim. Um morto não vê, não ouve, não sente, não fala, nem se despreza, nem se comove. Assim eu deveria estar morto a todas as minhas paixões, ao mundo interior e exterior.

*(da Gramática de Pe. Gaspar)*

## OS SACERDOTES (cont.)

### ENVIADOS AO MUNDO

É opinião difundida entre o povo que a vida dos sacerdotes é antes cômoda, tranqüila, não muito trabalhosa. Mas a verdade é que quem pretende seguir a vocação ao sacerdócio deve estar disposto a renunciar a todas as abastanças e comodidades, e a empreender uma vida laboriosa e difícil. Deve-se ter em conta que do momento em que alguém se alista na milícia do Senhor, é chamado não às comodidades e aos prazeres, mas sim a fadigas e preocupações.

Está diante de nós o exemplo dos Santos, nos é proposta a glória dos Apóstolos. Reconheçamos a nossa herança, feita de muitíssimas fadigas. Feliz o Apóstolo Paulo que pôde exclamar: “Exclamei mais que todos” (1Cor 15,10). É um louvor, mas sem sombra de vaidade e fraqueza. Ora, se é verdade que ele trabalhou mais que todos, todavia não exauriu a missão apostólica, e ainda há muita coisa a fazer. Vamos também nós ao campo do Senhor e consideremos atentamente como ainda está cheio de abrolhos e de espinhos. Vamos ao mundo, que é justamente o campo a ser trabalhado; está confiado a nós. Vamos àquele campo, mas não como donos, e sim como trabalhadores; com fadiga e esforço, com vigílias sem número, na fome e na sede, com freqüentes jejuns (cf. 2Cor 11,27).

Mas nós, de fato, por onde andamos? Onde ficou o espírito dos Apóstolos? Onde a simplicidade, a humildade, a laboriosidade e o zelo da Igreja Primitiva? Esta foi a vocação dos Apóstolos, a dignidade dos príncipes da Igreja. Graças a Deus, ela não está totalmente desaparecida nem mesmo em nossos dias: o nosso século tem ainda um Pio VII!

Eu sacerdote, não devo hesitar em imitar estes exemplos, chegar-me com eles aos pobres, visitar os hospitais, os cárceres, confessar os ignorantes, prover os necessitados, instruir as pessoas simples e rudes, fazer-me tudo a todos, zelar pela salvação de todos.

### A IMPOSIÇÃO DAS MÃOS

A imposição das mãos significa que o ordenando é consagrado e oferecido com vítima a Deus. Assim de fato no Antigo Testamento os sacerdotes impunham as mãos sobre a vítima exatamente para oferecê-la a Deus (cf. Ex 29,10), significando com este rito que pela própria mão e poder transferiam seu direito a Deus. Assim os filhos de Israel impunham as mãos aos levitas e quase os separavam de si, oferecendo-os e consagrando-os a Deus (cf Nm 10,11).

Saibam, pois, os sacerdotes que com a imposição das mãos são consagrados ao Senhor para dedicar-se totalmente a Ele, vivendo não mais por si mesmos, mas para prodigalizar e para consumir toda sua vida nos divinos mistérios (cf. 2Cor 12,15), sobretudo em procurar a salvação dos irmãos.

Com a imposição das mãos vem indicada ainda a proteção de Deus, graças à qual aqueles a quem é imposta a mão são por Ele inteiramente governados como filhos. Esta proteção derrama sobre eles força e vigor, e mantém longe as potências do mal.

Ainda, a imposição das mãos lembra que aqueles que recebem as Ordens sacras cumprem todas as funções do seu ministério debaixo do impulso do Espírito Santo, como aqueles que os têm como guia e diretores das suas ações.

#### SANTIDADE SACERDOTAL

O desapego do mundo, a crucifixão e a morte espiritual são de uma santidade muito elevada. Todavia deve-se dizer que tudo isto constitui só uma parte da vocação dos sacerdotes, aquela que de qualquer modo têm em comum com os religiosos. Também o religioso é chamado à santidade, com esta diferença, porém, que o religioso satisfaz a sua vocação com o aspirar, com o tender àquela santidade, enquanto o sacerdote não a satisfaz se não com o ser verdadeiramente perfeito e santo. Um está a caminho, o outro está em estado de perfeição.

Com uma outra diferença ainda que os religiosos têm tantos meios na solidão, nos seus votos, na disciplina regular, o sacerdote não tem no mundo senão perigos e distrações do seu fim, bastante grandes e veementes. A perfeição, todavia, é para o sacerdote um mandamento. Eu era livre de escolher o sacerdócio, ou não; mas desde o momento que sou padre não sou mais livre de renunciar a obrigação que tenho de ser perfeito.

Deus me escolheu sacerdote separando-me do mundo e me elevou quanto o céu acima da terra, comunicando-me o poder sobre o Corpo de seu Filho. Eu chamo Deus sobre o altar e ele obedece à minha voz. Que santidade não se requer por causa disso! Como devem ser puras aquelas mãos! Como puros aqueles olhos, expectadores de tão grande mistério! Como santa aquela língua que profere aquelas palavras! Como santo aquele coração que recebe o seu Deus!

*(Da Gramática de Pe. Gaspar)*

## OS SACERDOTES (cont.)

### UNIÃO COM CRISTO

Toda a atividade do sagrado ministério, cumprida em força da vocação e da consagração sacerdotal é obra de Cristo. É Cristo que batiza, que absolve, que consagra por meio do sacerdote.

Por isso o homem deve aderir à mão do principal operante como instrumento vivo e escolhido. Cristo é o modelo primeiro e absoluto da perfeição sacerdotal. “Tornai-vos meus imitadores – exorta S. Paulo – como eu o sou de Cristo” (1Cor 11,1). O sacerdote é como um sagrado sinete que deve reproduzir ao vivo a imagem de Jesus Cristo; de modo que ele por sua vez a possa imprimir nos outros. Mas não são compatíveis a imagem de Cristo e a do mundo corrupto. Se se quer seja impressa uma, é necessário que seja cancelada e eliminada a outra.

Proponhamo-nos Jesus como “centro do coração”, e escopo de toda a intenção. O sacerdote é marcado pelo caráter de Cristo, para que deva reconhecer-se transferido ao especial domínio Dele em relação a todas as coisas. Seja o princípio, o meio, o fim da nossa devoção àquele que é o princípio, o meio, o fim de toda função e poder sacerdotal.

Vejam-lo sempre como Caminho; procuremo-lo como Verdade; amemo-los como Vida. Acheguemo-nos a Ele, mas por Ele, como caminho; Dele suguemos a veia da Verdade e da sabedoria; atinjamos a água da Vida, bebamos, inebriemo-nos. “Não sou mais eu que vivo, mas Cristo vive em mim” (Gl 2,20).

### TRABALHAR POR TODOS OS MEIOS

“Tu, porém, sê prudente em tudo, cumpre a missão de pregador do Evangelho, consagra-te ao teu ministério” (2Tm 4,5). Isto significa que o sacerdote deve pregar, evangelizar; seja com a palavra, seja com a santidade da vida. Os fiéis vejam que o sacerdote não vai em busca de comodidades e vantagens pessoais até os sofrimentos mais duros e ásperos, impelido pelo amor de Deus. De S. Cipriano foi dito que era tão forte nele a paixão pela pregação a ponto de desejar sofrer o martírio no próprio ato de falar de Deus.

Sigamos Cristo nossa cabeça e os Apóstolos nossos guias. Incendiemos este mundo envelhecido e enregelado com um zelo ardente e uma caridade ardorosa a fim de que com os Apóstolos possamos sentir-nos dizer um dia: “Vós que me haveis seguido, no dia da ressurreição quando o Filho do Homem estiver sentado no trono da sua glória, estareis também vós sentados em doze tronos” (Mt 19,28).

Quando o Juiz divino assentar-se para examinar a vida de cada um e decretar sua sorte eterna, não nos perguntará que bens e que rendas, e nem mesmo que cultura possuímos, mas que uso fizemos deles; quanta gente com aqueles meios temos convertido, quantos pobres temos alimentado, matado a sede, visitado; até que ponto nos empenhamos em propagar o

Evangelho e alimentar a fé; em que medida fomos capazes de afrontar por isto os perigos, as irrisões, as perseguições, as tribulações.

O mundo tem necessidade de ver os traços autênticos de uma vida verdadeiramente evangélica.

## MISSÃO E SANTIDADE

Somos escolhidos não somente para servirmos a Deus, mas para fazer que também os irmãos louvem e sirvam a Deus; e assim todos juntos possamos conseguir a salvação.

Mas como pode tornar os outros santos aquele que não é por sim mesmo? Como poderá tirar da corrente do mundo as almas aquele que não está bem firme nos pés de uma grande santidade? O mundo, o demônio, fazem guerra especialmente àqueles que iniciam a missão de salvar as almas. Como poderá salvar-se das suas fraudes e tentações quem não está totalmente fortificado na mais sólida virtude?

Devemos prestar-nos ao bem não somente daquelas poucas almas que estão ao nosso redor, mas de todo o mundo; e se requer para isto muita oração. Diz S. Gregório Magno: “Ninguém presuma de chegar ao sacerdócio se não tiver adquirido, com a oração, tanta familiaridade com Deus a ponto de poder dobrá-lo à sua vontade como Moisés e Elias”. “Estou procurando um homem, diz o Senhor, que se coloque entre o meu furor e os pecados do meu povo, e não o encontrei” (cf Ez 22,30).

“Recebi o Espírito Santo. Àqueles a quem perdoardes os pecados, ser-lhes-ão perdoados” (Jo 20,22). Eis um poder todo divino: “Quem pode perdoar os pecados senão Deus somente?” (Mc 2,7). Nos constituíu assim em um estado de mediação entre Deus e os homens, para que junto aos homens representemos Deus. Homens celestes ou anjos terrestres devem ser os sacerdotes. Devemos viver à altura das tarefas exigidas pela nossa vocação. A grande facilidade com que se assumem aquelas tarefas, e pouco empenho espiritual com que as vive, não são motivos suficientes para fazer que no juízo de Deus não nos seja pedido conta da santidade que tais tarefas exigem.

Para desenvolver bem estas nossas tarefas, ponhamos fim à procura de nós mesmos, e caminhemos diretos sobre o caminho do Senhor, e andemos com toda solícitude como pessoas que levam nos ombros um cargo desmesurado; a carga dos nossos pecados, e ainda mais, do cuidado de todo o mundo.



*(Da Gramática de Pe. Gaspar)*

## OS SACERDOTES (cont.)

### RESPONSABILIDADE DO SACERDOTE

A dignidade do sacerdote faz tremer. Façamos as contas do nosso serviço, antes que o Patrão nos chame. Examinemos bem como ocupamos a cátedra que faz o sacerdote, mas o sacerdote que faz a cátedra; nem o posto que santifica o homem, mas o homem que santifica o posto.

O pecado do sacerdote é de uma malícia multiplicada. Este traz consigo muitos pecados por parte dos fiéis. Quem pode enumerar o prejuízo das almas? A tendência à imitação é fundada sobre uma certa debilidade daquele que é levado a imitar; por isso se é mais inclinado a imitar os maus exemplos do que os bons. Como o martelo age mais rápido para abater e destruir uma estátua do que para trabalhá-la; assim o exemplo traz consigo mais força quando se trata de destruir a verdade, que não quando se trata de promovê-la.

Esta eficácia comum a todo mau exemplo se torna particularmente deletéria quando o exemplo vem de pessoas mais estimadas pela dignidade, mais acreditadas pela doutrina; porque estas não só ensinam o pecado que fazem, mas tiram dele também a vergonha, isto é o dique mais forte que possa ser freio ao alagamento do mal. Um leigo escandaloso é como uma pedra que rola no plano; por quanto possa fazer mal a alguém, o dano que ela produz é limitado. Um sacerdote que dá mau exemplo é uma pedra que rola do alto, devido a sublimidade do seu grau. Quem pode avaliar o prejuízo que provoca?

Entremos então em nós mesmos para examinar a nossa conduta e se por acaso encontramos ter cooperado de algum modo para prejudicar em nossos irmãos a obra da graça, nos empenharemos em resgatarmo-nos trabalhando para sua edificação. Recuperemos aquele tempo que com palavras e comportamentos incautos tivemos por acaso contribuído para destruir.

### O SACERDOTE E A EUCARISTIA

Nós todos os dias recebemos Cristo, com a finalidade de podermos nos divinizar, mas de fato não somos homens divinos, e nem mesmo espirituais. Antes, certos padres que se envergonham destes títulos, e não lhes interessa ser outra coisa senão padres oradores, poetas, filósofos, homens de talento, de aparências, de negócios. Em suma, padres do mundo, da carne. Oh! coitados! Ai de nós que não discernimos o corpo do Senhor! Que conta de tantas Missas! Certos sacerdotes não se entretêm de boa vontade com Cristo, ao contrário, não estão com Ele nem mesmo no altar. Os colóquios com Cristo eles os deixam aos piedosos fiéis, e eles falam muito mais do mundo e com o mundo. Se falam de Cristo, não o fazem tanto por ele, quanto pela obrigação. Não o consultam com a oração nem pedem a ele auxílio e proteção, enquanto estão atentos, ao contrário, a procurar para si a proteção e o patrocínio dos homens. Confiam mais em quem os ama, ou definitivamente os odeia, e não em Cristo, amante profundíssimo.



Os Apóstolos ficam com Cristo: João repousa sobre seu peito, todos o escutam no sermão, o seguem até o horto. Eis os efeitos da Missa nos bons sacerdotes: permanecer com gosto junto com Cristo, encontrar em Cristo o próprio repouso e o próprio contentamento, prestar atenção às divinas inspirações, fazendo calar em si mesmos a voz das paixões e do mundo; seguir Cristo mesmo nos perigos. Os próprios Apóstolos não teriam caído na tentação, se não tivessem faltado à oração.

#### NÃO SÓ CONHECER, MAS FAZER A VONTADE DO PAI

Eis como devem ser aqueles que são chamados a fazer as vezes de progenitores espirituais, e como pais de Jesus Cristo, que o geram, isto é, nas almas com a pregação e com a administração dos sacramentos. Fiéis com a mente e com as obras, como Abraão; prudentes, justos, fortes, temperantes como os Patriarcas. Não basta, pois, a ciência moral e teológica, humana e divina; são necessárias virtudes humanas e divinas, morais e teológicas. “Todo aquele que faz a vontade do meu Pai que está nos céus – e não só o conhece – esse é meu irmão e minha irmã e minha mãe” (Mt 12,50). Pedro era ignorante; Paulo, antes embaraçado (cf. 2Cor 10,10); mas aquele ignorante e aquele embaraçado souberam derrotar os filósofos e reduzir ao silêncio os retóricos.

Infelizmente, muitos sacerdotes são afetados pela esterilidade apostólica, porque não chegam mais à idade madura no caminho da perfeição, “ao estado de homem feito, à estatura da maturidade de Cristo” (Ef 4,13). Não têm vísceras de caridade ou as têm estéreis, porque não se nutrem com a oração. “Queimado como a erva meu coração se murcha, até me esqueço de comer meu pão” (Sl 102,5). Áridos para si e para seus filhos. As mães e as amas de leite que amamentam comem muito e são dispensadas do jejum. Os sacerdotes morrem de fome: como poderão nutrir seus filhos?

Oração, queridos eclesiásticos, oração! Mantenhamo-nos sempre fiéis à meditação, para que saibamos como comportarmo-nos na casa do Senhor.



*(Da Gramática de Pe. Gaspar)*

## OS SACERDOTES (cont.)

### COMO JESUS NO TEMPLO

O Menino Jesus ficou em Jerusalém, no templo, e tirando as horas que dedicava a disputar com os doutores, o restante do seu tempo deve ter passado em uma perpétua vigília e oração diante do seu eterno Pai, rezando pela salvação do mundo e por todo aquele povo que ali entrava. A seus pais que, encontrando-o depois de três dias, e exprimem-lhe sua angústia, Jesus responde: “Não sabíeis que devo ocupar-me das coisas de meu Pai?” (Lc 2,49). Ele nos ensina com isso que a sua principal ocupação e todo seu esforço era atender ao serviço do seu Pai Celeste, sem deixar-se distrair por outras coisas.

Assim o sacerdote. “Enquanto for dia, cumpre-me terminar as obras daquele que me enviou” (Jo 9,4). Não devo ocupar-me do mundo, da carne, do meu amor próprio; não devo procurar o meu interesse, o meu gosto, mas o interesse da glória de Deus e seu gosto. Por exemplo: confessar, sobretudo gente rude e ignorante, o sacerdote não tem interesse, nem gosto, mas Deus o tem.

Jesus ficou no templo para ocupar-se efetivamente de tarefas referentes à glória de Deus, como foi também a disputa com os doutores, por ele mantida com admirável modéstia, humildade, discernimento e zelo, dando assim o exemplo das virtudes que devem acompanhar o exercício das nossas obrigações sacerdotais na Igreja.

É necessário, pois, afeiçoar-se a estas obrigações desde jovem. Se não se começa na juventude, os sacerdotes idosos já são farrapos. É preciso rejuvenescer. Também os anciãos dizem: “Aproximarei do altar de Deus, do Deus que alegra minha juventude” (Sl 42,4); porque Deus nos quer sempre jovens, não em anos, mas em fervor.

Por outro lado, quem é jovem não deve julgar, mas respeitar os anciãos. Cristo sabia mais que os doutores. Todavia não ensinava, mas interrogava e respondia. Existem porém clérigos tão orgulhosos que, confiados nos seus estudos, desprezam os velhos como ignorantes. Quantos padres agem sem discernimento sem prudência, por isso fazem e desfazem. Quantos sem nenhum zelo, mas por interesse próprio! Se não vos tornardes como o Menino Jesus, não entrareis no reino dos céus (cf. Mt 18,3).

### O SACERDOTE E A HUMILDADE

Aprendamos com Cristo a ceder, antes, a ambicionar o último lugar. O prestígio, a honra, a glória do sacerdote é a humildade. Foi perguntado a S. Tomás de Aquino qual era o sinal para reconhecer quem é verdadeiramente santo e perfeito. Ele respondeu: a humildade, o desprezo de si mesmo, o desprezo das honras e do louvor, a aceitação das ignomínias e das injúrias.

O humilde está em paz com todos, o soberbo ao invés em disputas. Quantas dissensões, invejas, ciúmes entre professores pelo lugar, pelos confessionários, pelos penitentes, pela presidência, com escândalo das almas.

Cumpra toda justiça quem sabe prevenir todos em manifestar a estima e a honra, quem suporta as atitudes difíceis dos outros. “Ajudai uns aos outros a carregar os vossos fardos, e deste modo cumprireis a lei de Cristo” (Gl 6,2). A mais eminente justiça e santidade consistem nisto: que possuindo o mais alto grau de virtude, saiba ser o mais baixo pela humildade.

Cristo quis reprimir em nós o desejo de aparecer, que é muito natural e está na raiz de tantas desordens. Nada de mais eficaz para moderar em nós esse desejo ardente de aparecer ao mundo e distinguir-se, quanto o exemplo de um Deus solitário e voluntariamente desconhecido ao mundo. Este exemplo tira todos os pretextos que poderia ter e que o amor próprio sabe tão habilmente sugerir, persuadindo-se que é um meio para a glória de Deus e salvação dos irmãos, que esta é uma necessidade em certas ocasiões, que assim exige a conveniência, que isto serve para manter a caridade, que é necessária a sociabilidade na vida, que a solidão nos torna inúteis e que nos impede de fazer valer os talentos recebidos... Razões artificiosas, mas vãs. Estou em grau de contribuir à glória de Deus mais que Jesus Cristo? Ao invés das máximas que me sugere o espírito mundano, Cristo veio para ensinar-me um caminho totalmente contrário, isto é, o amor de ser desconhecido.

### O SACERDOTE E SEUS PARENTES

Jesus ficou no templo sem dizer nada aos parentes (cf. Lc 2,43), para que eles não o impedissem de seguir livremente aquilo que era estabelecido pela glória do Pai celeste.

Existem sacerdotes que na aceitação dos encargos e no desempenho do seu trabalho se deixam condicionar pelos interesses humanos dos parentes. Mas se a ambição dos parentes pode prejudicar a fidelidade aos deveres sacerdotais, deve-se recordar o que disse Jesus: “Se alguém não odeia seu pai e sua mãe, seus irmãos e suas irmãs, até sua própria vida, não pode ser meu discípulo” (Lc 14,26).

Jesus nos quis mostrar como devemos ser desapegados da carne e do sangue e do amor carnal dos parentes, mesmo deixando-os e não hesitando em dar-lhes um certo desprazer, quanto isto for necessário para dedicar-se com maior diligência às coisas do Pai celeste. E nos mostrou ainda como não devemos estar com eles mais tempo do que aquele seja conforme a vontade de Deus.

Se houvesse motivo de pensar que os parentes ou qualquer outra pessoa do mundo, fossem impedimento – ou por ignorância ou em boa fé, ou talvez também com intenções não boas – para a execução da vontade de Deus, convém logo deixá-los sem dizer nada, embora isto possa trazer-lhes desprazer e procurar a mim nas queixas, calcando tudo isto com ânimo resoluto e viril, também para fazer a vontade de Deus. “Quem ama seu pai ou sua mãe mais que a mim, não é digno de mim” (Mt 10,37).

Tanto mais se os meus parentes, ou qualquer outra pessoa que eu deva amar e ter em lugar de pai, cheguem a exigir alguma coisa que seja contra Deus e a Igreja. “É preciso obedecer antes a Deus que aos homens” (At 5,29).



***Feliz Natal! Feliz Ano Novo!***  
***“Que as cruzes do próximo ano sejam aceitas  
com grande espírito de fé espírito bertoniano”***

## OS SACERDOTES (cont.)

### TENTAÇÕES DO SACERDOTE

“Jesus crescia em estatura, em sabedoria e graça, diante de Deus e dos homens” (Lc 2,52). O sacerdote é chamado ao seguimento de Cristo, para crescer na perfeição: “Aquele que põe a mão no arado e olha para trás, não é apto para o reino de Deus” (Lc 9,62). Também os homens devem ver o nosso esforço para a perfeição.

Mas onde está de fato o nosso progresso na perfeição? Procura-se o progresso na carreira, nos encargos. Mas no que se refere à virtude, talvez somos calados em relação ao que éramos quando estudantes. Que promessas então, que esperanças! Também no que diz respeito à ciência, devemos reconhecer que talvez soubéssemos mais naquele tempo.

Hoje é reputado por muitos padres como uma desonra desprezar o mundo na prática (mesmo se isto se faça na pregação). Oh, Deus, que miséria! Assim o mundo louco ganha na honra, porque muitos ainda servilmente o respeitam. Pareceria a algum padre dar escândalo se se escarnecesse do mundo. Bem-aventurados estes escândalos! gritaria S. Teresa.

A ambição das honras e dignidades é vício dos padres. Terrível paixão, em um sacerdote, a vanglória, a inveja; e os padres nem mesmo se confessam!

É preciso acabar por entender que o grande laço são os bens, aos quais ficam presos singularmente tantos eclesiásticos. Laço sutilíssimo é o interesse, que apenas se deixa discernir em um sacerdote. Feliz quem pode desatar este laço!

Assim três são os principais graus das tentações, fundados em riquezas, honras e soberba. Levados por eles se arriscam a precipitar-se em todos os outros gêneros de vícios. Os mártires eram fortes diante da violência, livres no espírito e na confissão de fé, porque eram livres do interesse e do amor ao mundo e da vida.

### O MUNDO SECULAR E O MUNDO PADRESCO

Desde que a terra não é senão uma passagem, um rio que passa sem parar e se dirige diretamente para o mar, que interesse devo eu ter a tudo o que vejo ao longe? Aí vejo muitas agitações, grandezas, pompas, fortunas, prosperidade, cujo esplendor deslumbra.

No próprio estado eclesiástico, vejo certos graus, certos postos, certas distinções e diversidades de empregos que, embora obscuros segundo o mundo secular, não deixam porém de excitar sentimentos mundanos.

Mas sobre isto devo lembrar o que dizia um santo: tudo isto não é Deus, tudo isto não é do céu, não é o meu fim. Assim devo ser insensível a tudo isto, não fazer nenhuma conta dele. Em que inocência e liberdade de coração me manteria uma tal disposição! Viverei como um verdadeiro sacerdote, porque viverei como homem morto ao mundo e como “aqueles de que o mundo não era digno” (cf. Hb 11,38).

“Obedecei – é a lembrança de Pe. Gaspar a um novel sacerdote – obedeci aos vossos genitores e sede reverentes imitadores de suas virtudes. Obedeci com submissão de mente e de

afeto do coração ao vosso Bispo. Obedecei ao pároco da igreja a que fordes designados. E qualquer coisa vos sugira a carne, ou o mundo procure insinuar-vos, escutai e segui só a Cristo, de cujos mistérios sois agora feliz dispensador: sem cuidar nem do mundo secular, nem do mundo padresco”.

## A COMUNIDADE RELIGIOSA

### COMUNIDADE E COMUNHÃO

Todos tenham como escopo e sinal da sua vocação aquele dito de Cristo Senhor: “Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros” (Jo 13,35).

Se devemos ter caridade para com todos, de modo especial a devemos ter para os nossos irmãos espirituais, segundo o que diz o Apóstolo: “Se alguém se descuida dos seus, e principalmente dos de sua própria família, é um renegado pior que um infiel” (1Tm 5,8).

Cada um tenha diante dos olhos, como norma desta concórdia o que nos Atos dos Apóstolos se lê da conduta dos primeiros fiéis, da qual toda ordem religiosa trouxe a origem e a forma: “A multidão daqueles que aderiram à fé tinha um só coração e uma só alma. Tudo era comum entre eles e tudo dividiam a cada um conforme a necessidade de cada um. Por isso cada dia tomavam também o alimento com alegria e simplicidade de coração, louvando a Deus e gozando da simpatia de todo o povo” (cf. At 4,32-35 e 2,46-48).

Cada um procure com todo esforço esta união e concórdia de caridade e de fato fuja de tudo o que for contrário a ele, das dissensões e discórdias, e com sumo cuidado as evite considerando aquelas palavras do Salmo: “Oh! como é bom, como é agradável para irmãos unidos viverem juntos” (Sl 132,1).

### VALOR DA PERFEITA OBSERVÂNCIA

Na comunidade onde até as mínimas prescrições são observadas o vigor espiritual dos religiosos permanece inabalável, como também a paz reinará entre os irmãos. Mas onde, porem, as prescrições, mesmo as menores, são transcuradas, toda a disciplina progressivamente se dissipa e termina.

Existem defeitos também nas comunidades religiosas fervorosas e não só nas relaxadas. Mas na primeira os defeitos são corrigidos e se consideram como abusos; enquanto na segunda são dissimulados e passam a ser uso e costume.

Quando em uma comunidade religiosa cada membro não se esforça para a sua perfeição, não pode aquela comunidade progredir. E, se realiza algo, o faz sem vida e languidamente.

### COMUNHÃO FRATERNA E VIDA DE FÉ

O crescimento da comunhão fraterna depende, sobretudo do progresso da vida espiritual, pela qual, enquanto se desenvolve a caridade teológica, isto é, o amor para com Deus, e para com Cristo nosso Senhor, se acrescenta e se aperfeiçoa também a união entre os irmãos, porque cada um se une a Deus e ao nosso Salvador.

Porque este vínculo de união se reforça grandemente com a oração e na meditação – segundo aquele dito: “na minha meditação o fogo arderá” (Sl 38,4) – por isso sem dúvida este é o caminho mais certo e seguro para obter aquela mesma união.

Assim como nenhuma outra coisa concilia tanto em uma pessoa o amor de verdadeira caridade quanto o descobrir nela singulares dotes de virtudes e dons do Espírito Santo, e o contemplá-la como imagem de Deus retratada com as mais belas cores da graça; se pois todos se esforçarem para crescer nestas virtudes e nestes dons, e de considerá-los muitas vezes nos outros; se amarem guardar nos seus corações os outros superiores a si, gozar com os dons espirituais que vêm neles e agradecer a Deus; crescerá entre eles de modo admirável a mútua caridade.

#### VOTOS RELIGIOSOS E CARIDADE

Uma virtude jamais exclui a outra, nem se combatem entre si. Quando, pois, parece que a prudência ou a caridade exijam uma determinada escolha, não há motivo de temer que isto seja contrário à pobreza, nem que comporte uma falta contra os votos religiosos. Os votos não são senão um meio em relação à caridade, a qual é o fim. É o fim que dá ordem, modo e medida a todos os meios.

A comunhão fraterna na comunidade religiosa se completa em grande parte pelo vínculo da obediência. Outro tanto se diga da pobreza e da humildade, ou seja, do desprezo dos bens temporais. Entre os bens temporais se colocam as honras e a dignidade do mesmo modo que a s riquezas e as comodidades da vida; e o desprezo daqueles primeiros bens não menos que destes, procede o amor de Deus. Por outro lado os pobres em espírito e os humildes, como eles honram a todos, assim por todos são acolhidos no íntimo dos seus corações.

Meio particularmente eficaz para promover a comunhão fraterna é a pobreza; e é sumamente próprio do religioso em força do voto. No estado religioso de fato todas as coisas são comuns: os corações, as mentes, e tudo o que é necessário para o sustento e teor de vida. Nos Atos dos Apóstolos diz que “tudo entre eles era comum” (At 4,32); e logo depois acrescenta que “tinham um só coração e uma só alma” (id).

*(Da Gramática de Pe. Gaspar)*

## A COMUNIDADE RELIGIOSA (cont.)

### DIÁLOGO E CONVERSAÇÃO FRATERNA

Todo dia depois da refeição os confrades se reúnem, possivelmente no mesmo lugar, em familiar e amigável conversação. O que deve ser feito por todos sem exceção; seja em relação à saúde, e principalmente, com a finalidade de fomentar a caridade. A amizade de fato cresce com a mútua comunicação, enquanto se destrói com a taciturnidade, como diz Aristóteles. E S. Teresa afirma que conversar juntos faz crescer a caridade.

Assim, pois, quando se apresentam freqüentes as visitas dos confrades, os bons religiosos devem não somente tolerá-los com paciência, mas acolhê-los com alegria. E daí que, graças à mútua conversação entre os confrades, contribui otimamente ao nosso quotidiano conforto.

Do momento, pois, que o fim da conversação das almas se consegue em boa parte mediante a conversação com os próximos falando-lhes com doçura e discrição de coisas espirituais, lembrem os confrades que se exercita a isto com as conversações feitas entre eles, as quais no mais das vezes devem voltar-se para coisas de Deus.

Tenha-se sempre presente que a diversidade de pareceres é coisa tão humana que, proposta com palavras calmas e medidas e com ânimo sereno, não ofende ninguém. Ao contrário, a disputa, as contradições feitas com animosidade, a defesa obstinada da própria opinião, desgasta muitíssimo, e por isso todas estas coisas sejam evitadas com sumo cuidado.

S. Agostinho admoesta na sua Regra: “Não se chegue jamais a um litígio, ou ao menos que termine logo; para que a tensão não se mude em ódio, e de uma palhinha não se faça uma trave”.

### A CORREÇÃO FRATERNA

Você sente a obrigação de corrigir um irmão? Comece com derramar lágrimas sobre os próprios pecados e reze ao Senhor; depois, tomando o irmão à parte, procure adverti-lo, aconselhá-lo, exortá-lo.

Vejamos o exemplo de Paulo: “Temo que quando for – escreve aos Coríntios – não vos ache quais eu quisera, e que vós me acheis qual não queríeis. Receio encontrar entre vós contendias, invejas, rixas, dissensões, calúnias, murmurações, arrogâncias e desordens. Receio que à minha chegada entre vós Deus me humilhe ainda a vosso respeito; e tenha que chorar por muitos daqueles que pecaram e não fizeram penitencia da impureza, fornicção e dissolução que cometeram” (2Cor 12,20-21).

Declara o teu afeto à pessoa que você quer corrigir, procura persuadi-la que avisando-a de suas faltas você quer aconselhar e curar, não julgar, nem mesmo denunciar. Se você quer realmente curá-la não se envergonhará de abraçá-la e beijá-la; como fazem às vezes também os



médicos quando têm que tratar com doentes difíceis, e assim conseguem fazer suportar o remédio necessário.

O devido cuidado recíproco do proveito espiritual dos irmãos comporta a vontade de concorrer com grande caridade à sua correção, e ao mesmo tempo a disposição de receber de bom grado a correção feita por outro.

#### AS CILADAS DA COMUNHÃO

Ninguém desgoste ou ofenda o próprio confrade, nem em público, nem em particular, nem mesmo por brincadeira. Antes, deve-se procurar que nem mesmo no coração se venha a nutrir sentimentos sinistros ou adversos ao próprio confrade.

Componente fundamental da caridade, pois, é prevenir um ao outro na prestação de serviço e à prestação de honra. Por outro lado, o espírito de dominação e de comando, e qualquer manifestação disso, afasta muito os ânimos. Por isso todos fujam de todo apetite de mando ou de qualquer modo imperioso, porque tem algo de soberba e não concilia a caridade.

Se alguém em certas obrigações é obrigado a liderar, aparente não impor, mas indicar o que se deve fazer; e todos, segundo o conselho do Apóstolo, sirvam-se um ao outro (cf Gl 5,13), de modo que possa certificar-se o que dos antigos monges escreveu muito bem S. João Crisóstomo: “Não se pode ouvir nenhum deles fazer ou receber injúrias, nem dar ou receber ordens; mas todos são do número daqueles que servem”.



*(De “A Gramática de Pe. Gaspar”)*

A COMUNIDADE RELIGIOSA (cont.)

**NÃO MURMUREIS UNS DOS OUTROS**

Muitas vezes o amor próprio mascara de zelo, de caridade, de necessário meio para acautelar-se a si ou aos outros, a murmuração. O verdadeiro motivo é a paixão. E é preciso pagar a pena dela a Deus e chorar muito.

Que utilidade pode advir do jejum se nos abstermos de alimentar de animais e devoramos e mordiscamos nossos irmãos? Quem comete detração como a carne dos irmãos e mordisca a carne do próximo. Por isso S. Paulo dirige aos fiéis aquela impressionante admoestação: “Se vos mordeis e vos devorais, vede que não acabeis por vos destruídes uns aos outros” (Gl 5,15)

E ninguém venha dizer que se comete detração só quando se diz o que é falso e se calunia. Quando pois se murmura do irmão, mesmo dizendo coisas verdadeiras, comete-se uma culpa. O fariseu da parábola disse a verdade falando do publicano, pois ele era verdadeiramente tal e pecador. Mas disto ele não tirou proveito, porque o publicano “voltou para casa justificado e não o outro” (Lc 18,14).

Não compareça jamais entre os irmãos o mau hábito da murmuração por qualquer causa, com nenhuma palavra ou aceno. Mas nem mesmo no coração nutram sentimentos pouco benévolos ou adversos aos irmãos.

**NÃO DAR OUVIDO ÀS MURMURAÇÕES**

Não só se deve evitar falar dos outros, mas é preciso também estar atentos para não dar ouvidos a quem murmura do próximo e, por assim dizer, fechar os ouvidos a tais discursos, recordando a palavra do Salmista: “Exterminarei o que em segredo caluniar seu próximo” (Sl 100,5). Diga a seu irmão: Quer louvar ou falar bem de alguém? Abrirei de boa vontade os ouvidos para ouvir estas coisas deliciosas. Mas se quer falar mal, quero fechar a porta a tal gênero de conversas; não consigo tolerar a imundície.

Que ganho eu ao saber que alguém é pouco bom? Parece-me que disto recebo muito mais mal, antes, uma verdadeira perda. Falemos com ele! E depois, tomemos a peito os nossos ais, como podemos prestar contas das nossas culpas; voltemos, ao contrário, para nós mesmos, para a nossa vida, esta curiosidade e esta gana de investigar. Que desculpas daremos, ou como obteremos perdão se, enquanto não nos lembrarmos de nossas culpas, ficamos a perscrutar curiosamente as coisas alheias?

“Ouviste uma palavra contra o teu próximo? Abafa-a dentro de ti. Fica seguro de que ela não te fará morrer” (Eclo 19,10). Mas que quer dizer: abafa-a dentro de ti? Apague-a, enterre-a, não permita que sai de ti e se espalhe. Sobretudo não tolerar que outros digam nada de mal. Se os detratores perceberem que nós desprezamos mais eles mesmos do que os seus acusados, desistirão de uma vez para sempre deste mau costume e corrigirão seu pecado. Pois é

sempre verdadeiro que como a murmuração e a calúnia geram ódio e discórdia, assim falar bem e dar o justo louvor é princípio de amizade e de paz.

#### A COMUNIDADE DE PE. GASPAR

Alguns piedosíssimos sacerdotes de Verona se reuniram para esforçar-se na perfeição espiritual com a vida comunitária à maneira dos religiosos, e para atender segundo suas possibilidades e as circunstâncias no cuidado pastoral do próximo. E se bem que escolheram como principal característica da sua vida e atividade o retiro e o escondimento, porem todavia o esplendor das virtudes e a eficácia do seu zelo é tal que toda a cidade os ama e venera como sacerdotes santos.

O seu superior, Pe. Gaspar Bertoni, homem de grande tino e piedade, sabe conduzir sua comunidade com tal suavidade de maneiras e com tal firmeza, que um só espírito os anima a todos e uma só vida, por assim dizer, em todos se difunde.

Se você conversa com eles, percebe que cada um no pensamento, nos sentimentos do coração, no comportamento exterior, é um retrato fiel do outro. Se quer saber o que neles se torna principalmente digno de nota, direi que é a humildade, a caridade, o trato afabilíssimo.

Vivem bastante pobres e mortificados. Simplicíssimo é o quarto de cada um e o mobiliário. Mas por toda a casa há um tal cuidado e ordem e limpeza, que dá gosto ver. Em particular a igreja foi restaurada maravilhosamente e esplende de decoro e limpeza. Na sua igreja os padres desta comunidade pregam toda a semana e se aplicam muitíssimo ao ministério da confissão. Têm em sua casa uma escola, ou ginásio público, onde gratuitamente educam um bom número de jovens.

Não aceitam ofertas de quem quer que seja nem de espécie alguma. Um desinteresse tal, que tanto convém a sacerdotes, atrai sobre eles uma grande veneração da parte de todos. E verdadeiramente não saberia que nome mais conveniente dar a eles que pérola escondida do clero veronês.



***Uma feliz e santa Páscoa, com este pensamento de São Gaspar:***  
*“De Cristo Ressuscitado impassível convém copiar uma feliz insensibilidade a todos os acidentes da vida humana, uma tranqüilidade de espírito inalterável, uma admirável Paz do coração”.*

